

Boas práticas e avaliação das ações relativas às políticas de segurança pública, no Estado de São Paulo.

www.observatoriodeseguranca.org

CRONOLOGIA DOS ATAQUES DO PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL (PCC) AO ESTADO DE SÃO PAULO – 2006

Fonte: Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo (textos) – Imagens: (diversos)

PRIMEIRA ONDA DE ATAQUES 12/05 à 19/05

*“Um bom parlamento é condição **sine qua non** para combater o crime. O crime só tem medo de uma coisa: que a maioria das pessoas entrem na legalidade e ele não tenha com quem negociar. Mas em vez em vez de tentar solucionar a desigualdade e a miséria, de trazer as pessoas para a legalidade, os políticos vivem no oportunismo e no eleitoralismo”.*

JURANIDR FREIRE COSTA, Psicanalista, Folha de S. Paulo, 17/05/2006, Cotidiano, C10



<http://www1.folha.uol.com.br/folha/galeria/galeria-20060513-pcc.shtml>

O Primeiro Comando da Capital (PCC) iniciou na noite de sexta-feira, 12 de maio de 2006 o maior atentado já realizado contra as forças de segurança do Estado de São Paulo. Até dia 13 de maio, sábado, 63 ataques a delegacias, carros e bases das polícias Militar, Civil e metropolitana e até o corpo de bombeiros já haviam ocorrido. 25 membros das forças de segurança do Estado morreram juntamente com 4 supostos membros do PCC e 1 civil. 17 suspeitos de participar dos atentados foram presos.

Segundo o Governador Cláudio Lembo (PFL), os ataques são uma represália a transferência de 765 presos para a penitenciária 2 de Presidente Bernardes, entre eles o líder do PCC Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola. As transferências foram autorizadas após a descoberta de um plano de ataque a lideranças políticas por parte do PCC.

Além dos ataques, os presos comandaram até domingo, 14 de maio 24 rebeliões por todo o Estado. O Governo de São Paulo rejeitou ajuda do Governo Federal.

14/05/2006 – domingo

Já são 68 o número de mortos neste domingo, com 125 ataques e 78 rebeliões. Em entrevista coletiva Eliseu Éclair, Comandante da Polícia Militar de São Paulo, afirmou que a onda de rebeliões atingiu os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e Alagoas, sendo que no Estado de São Paulo, as rebeliões envolvem 52% dos detentos. No interior do Estado se rebelaram os presos de Irapuru, Martinópolis, Campinas-Hortolandia, Bauru, Itapetininga, Franca,

Reginópolis, São Vicente, Praia Grande, Santos e Guarujá, onde morreram 13 homens após o assassinato de 5 policiais.

Apesar do Governo do Estado ter as informações com antecedência de que os ataques poderiam ocorrer, a polícia afirma que não foram informados sobre os possíveis ataques.

15/05/06 – segunda-feira.

Até esta segunda-feira já foram realizados 272 ataques, 94 mortos e 91 suspeitos presos.

No quarto dia de ataques, começaram a cessar os ataques que tem como alvo as bases policiais, assassinatos e rebeliões. Ganharam impulso ações contra ônibus, fóruns e agências bancárias. Boatos e trotes de novos ataques a alvos civis fecharam escola (40%), universidades (USP, FGV, Unip, Uninove, Unicamp, PUC-Campinas, entre outras), repartições públicas e o comércio de São Paulo. Em seu horário de maior movimento a cidade ficou deserta como se fosse um feriado. O transporte público parou de circular durante a tarde, deixando 5,5 milhões de pessoas a pé. Um terço da frota de ônibus da cidade parou de rodar após 95 ônibus serem incendiados em todo o Estado, sendo que somente na capital foram 44 veículos. Uma ameaça de bomba fechou o saguão do aeroporto de Congonhas. As rebeliões chegaram ao seu quarto dia com apenas duas unidades rebeladas: Hortolândia e São Vicente.



<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/saopaulosobataque/galeria.shtml>

“A bolsa da burguesia vai ter que ser aberta para poder sustentar a miséria social brasileira no de haver mais empregos, mais educação, mais solidariedade, mais diálogo e reciprocidade de situações”.

CALUDIO LEMBO, ex-Governador de São Paulo, Folha de S. Paulo, 18/05/2006, Cotidiano, C10.

16/05/06 – terça-feira.

Na terça-feira a cidade começou a voltar ao normal com o fim dos ataques na capital. No interior os ataques continuaram com baixa intensidade. Foram atacadas as cidades de Botucatu, São José do Rio Preto, e no litoral, Praia Grande, Peruíbe, além de Tremembé, São Sebastião, Campinas, Piracicaba e Mogi - Mirim. Continuam as rebeliões em Mato Grosso e Paraná. Entre a madrugada de segunda e a manhã de terça-feira a polícia matou 33 suspeitos e prendeu 24. Passa a se questionar a letalidade das ações policiais. O Governo de São Paulo encaminhou a Presidente Bernardes uma comitiva para conversar com líder do PCC, Marcola, porém o governo nega que houve acordo para parar os ataques. Ontem, Marcola ordenou que parassem os ataques e se encerrassem as rebeliões em todo o Estado – segundo o noticiado pela mídia. A polícia começa a acreditar que os novos ataques foram realizados por oportunistas.

“É vingança. Os policiais se sentem sob estado de sítio e acham que matar é a única resposta possível, mas também fazem isso pela sensação de impunidade”.

FIONA MACAULAY, Pesquisadora inglesa, Folha de S. Paulo, 18/05/2006, Cotidiano, C10.



<http://www.revistaparadoxo.com/fotos/Paradoxo%2061%2001.jpg>

No interior os ataques prosseguiram com baixa intensidade até o dia 19 de maio.

“Apesar de ter demonstrado um extraordinário poder de articulação e de ter parado a mais importante cidade brasileira, o PCC é somente um ínfimo detalhe da insegurança nacional. Pouco adiantará destruí-lo enquanto não se diminuir a quantidade de mão de obra disponível ao crime organizado – essa deveria ser uma das principais lições dessa onda de ataques e mortes”.

GILBERTO DIMENSTEIN, Folha de S. Paulo, 17/05/2006, Cotidiano, C10

NÚMEROS DA PRIMEIRA ONDA DE ATENTADOS

| Atentado | Mortes atribuídas ao PCC | Suspeitos mortos pela polícia | Suspeitos presos |
|----------|--------------------------|-------------------------------|------------------|
| 373 | 47 | 92 | 124 |

Folha de S. Paulo.

SEGUNDA ONDA DE ATAQUES

12/07 à 15/07/2006

“Esses jovens sem perspectiva, rejeitados pela escola e pela família, acabam encontrando na gangue uma dupla satisfação: fonte de renda e de auto estima. A gangue passa a ser a família que eles não tiveram e o escudo para que sejam respeitado e temido”.

GILBERTO DIMESNTEIN, Folha de S. Paulo, 14/07/2006, Cotidiano, C6

12/07/2006 – quarta-feira.

Após exatos dois meses da primeira onda de ataques, o Primeiro Comando da Capital, iniciou no dia 12 de julho em todo o Estado uma nova onda de ataques, desta vez com alvos diversificados: prédios do judiciário, legislativo, bancos, ônibus e até supermercados. Até as 19 horas foram contabilizadas 71 ações e 7 mortes, sendo 2 civis. Em alguns dos locais atacados foram encontrados cartazes “protestando” contra a opressão carcerária, uma forma de justificar os ataques.

A polícia foi informada na noite de terça sobre os novos ataques, mas não conseguiu impedi-los. Na grande São Paulo foram realizadas 63 ações. Os ataques abrangeram 30 cidades em todo o Estado. 10 municípios da Grande São Paulo incluindo a capital foram atacados. Segundo o secretário de Segurança, Saulo de Castro Abreu filho, o PCC mudou sua tática, atacando desta vez,

mais alvos civis, para assim aumentar a sensação de insegurança. Foram incendiados mais de 30 ônibus. Mais uma vez o Estado rejeitou ajuda do Governo Federal.

13/07/2006 – quinta-feira.

“Ele sabia superficialmente o que estava ocorrendo. Depois que expôs a situação, ele ficou muito triste e lamentou muito. Disse que, se dependesse dele haveria paz. Disse ainda que a violência não leva a nada. Ele acredita que há outros meios de negociar com o Estado que não envolvam violência”.

AIRTON ANTÔNIO BICUDO, advogado de Marcola, Folha de S. Paulo, 15/07/2006, Cotidiano, C5.



http://www.linkportal.com.br/newsletter/fev07/images/linknews_pcc.gif

Com 46 ônibus incendiados, sendo estes os alvos preferidos do PCC, somente 4 das 16 empresas de ônibus de São Paulo, colocaram parte de sua frota em circulação. O medo de novos ataques deixou mais de 2 milhões de pessoas a pé, causando um enorme congestionamento na cidade e superlotação de trens e metrô.

Desta vez os ataques foram mais intensos no interior do Estado. Na capital os ataques foram menos intensos, sendo um na unidade da Febem Tatuapé. No interior os ataques se concentraram nas regiões de Campinas, Vale do Paraíba e Ribeirão Preto. Ao todo 9 fóruns trabalhistas no interior foram atacados. Os alvos se repetiram: ônibus, fóruns, supermercados, bancos, unidades policiais e até uma estação de tratamento de água.

14/07/06 – sexta-feira.

Somente ontem foram presos no interior do Estado 15 suspeitos de participação nos ataques atribuídos ao PCC. A polícia encontrou em Ribeirão Preto uma carta com regras para os ataques. Uma das ideias dos criminosos era atear em pneus próximos a postes de eletricidade, fios e transformadores de energia, o que colocou a Eletropaulo em alerta. Os transportes coletivos voltaram a circular normalmente. O novo advogado de Marcola, líder do PCC, afirmou que seu cliente não é mais o líder da facção criminosa, não tem nenhuma relação com os ataques e lamenta o que está acontecendo em São Paulo.



http://www.resistir.info/brasil/imagens/pcc_15mai06.jpg

http://www.resistir.info/brasil/imagens/pcc_15mai06.jpg

NÚMEROS DA SEGUNDA ONDA DE ATAQUES

| Atentados | Mortes atribuídas ao PCC | Suspeitos mortos pela polícia | Suspeitos presos |
|-----------|--------------------------|-------------------------------|------------------|
| 453 | 9 | 4 | 187 |

Folha de S. Paulo.

“Ele me disse que não tem poder para isso. Ele não tem nenhuma relação com qualquer tipo de entidade de crime organizado. Ele não coordena facção e não é mais líder de qualquer entidade”.

AIRTON ANTÔNIO BICUDO, advogado de Marcola, Folha de S. Paulo, 15/07/2006, Cotidiano, C5.

TERCEIRA ONDA DE ATAQUES

“Estado e PCC são dois lados da mesma moeda”.

JORGE ZAVARUCHA, entrevista para a Folha de S. Paulo, 09/08/2006, Cotidiano, C5.

07/08/06 – segunda-feira.

Começou nesta segunda-feira uma nova onda de ataques comandados pelo PCC (Primeiro Comando da Capital). O ataque com maior poder de destruição foi realizado contra o Ministério Público Estadual, no centro histórico de São Paulo. Foram 96 ataques em 17 cidades. Foram alvos: ônibus, bancos, postos de gasolina, supermercados e um estacionamento próximo ao DEIC (Departamento de Investigação Sobre o Crime Organizado). Armas, coquetéis molotov e artefatos explosivos foram utilizados nos ataques.

A possível suspensão do indulto (saída provisória dos presídios) de dia dos pais, pode ter sido a causa da nova onda de ataques do PCC – cerca de 10 mil homens seriam beneficiados com o indulto. Também uma possível transferência de homens do 2º escalão do PCC para o presídio federal de Catanduvas (PR), pode ter sido também um dos motivos, além da situação dos presídios e dos presos de Araraquara, Itirapina e Mirandópolis, também podem ter motivado os ataques.

“Em geral, no Brasil, as camadas mais pobres tem seus direitos civis violados com mais frequência. A novidade agora é que, em alguns casos, todos foram atingidos”.

JORGE ZAVARUCHA, entrevista para a Folha de S. Paulo, 09/08/2006, Cotidiano, C5.



http://blogs.periodistadigital.com/ultimahora.php/2006/05/15/sao_paulo_uma_ciudad_ahogada_en_la_viole

08/07/06 – terça feira.

Novamente o interior do Estado foi alvo preferencial dos ataques do PCC. Foram registrados 54 casos no interior e 8 na capital do Estado. A polícia encontrou uma granada que não explodiu na Avenida 9 de julho. Prédios públicos, casas de policiais e guardas municipais, ônibus e bancos foram alvos no interior. O número de suspeitos mortos subiu de 2 para 7. O Ministério Público quer evitar que 113 detentos sejam beneficiados com a saída de dia dos pais.

09/08/06 – quarta-feira.

O terceiro dia da terceira onda de ataques do PCC registrou o menor número de atentados e manteve maior intensidade de ataques no interior. Prédios e funcionários públicos foram alvos na maioria das ações. A garagem da Secretária de Estado da Justiça foi incendiada e um carro ficou parcialmente destruído. A secretária, Eunice Prudente, afirmou não encontrar razões para o ataque a secretaria.

11/08/06 – sexta-feira.

O jornalista da TV Globo, Guilherme Portanova e o assistente técnico Alexandre Coelho Calado, foram seqüestrados por membro do PCC numa padaria próxima à emissora. Alexandre Coelho foi liberado logo em seguida. Os seqüestradores exigiram que a emissora exibisse um vídeo contendo as reivindicações do PCC. A emissora exibiu o vídeo e o jornalista foi liberado horas após a exibição do vídeo. Tal vídeo era para ser exibido próximo das eleições. Uma precipitação acelerou a ação do grupo. Portanova não sofreu agressões.

NÚMEROS DA TERCEIRA ONDA DE ATAQUES

| Atentados | Mortes atribuídas ao PCC | Suspeitos mortos pela polícia | Suspeitos presos |
|-----------|--------------------------|-------------------------------|------------------|
| 196 | 0 | 7 | 33 |

Folha de S. Paulo.

UM ANO DEPOIS

Um ano após o maior ataque as forças de segurança do Estado de São Paulo, o Procurador Geral de Justiça do Estado de São Paulo revelou um estudo sobre as investigações dos atentados de maio de 2006, mostrando que 91 pessoas foram denunciadas e seis condenadas pelos crimes daquele mês. 120 pessoas acusadas de participar de 373 ataques foram presas. Entre as 91 pessoas há caso de acusados que agiram dentro de presídios, como Marcola. Neste estudo nota-se um grande empenho na apuração de crimes cometidos contra policiais.



<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/images/20060608-marcola230.jpg>

“Se fosse uma organização política, o PCC estaria procurando desarticular o tecido social para se apropriar do poder político. Mas nesse caso, não há um objetivo político. Eles querem ajoelhar as autoridades e abriga-las a negociar sob suas condições. O cidadão fica desamparado, e o Estado cai em descrédito”.

HECTOR LUÍS SAINT-PIERRE, Folha de S. Paulo, 08/08/2006, Cotidiano, C5.

ANEXOS

Entrevista de Alba Zaluar, antropóloga, à Folha de S. Paulo, 15/05/2006, Brasil.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/saopaulosobataque/>

Folha - É surpresa para a senhora o que está acontecendo em São Paulo desde sexta-feira?

Alba Zaluar - Você lembra que há três, quatro meses houve a invasão e o roubo de depósito das Forças Armadas [Estabelecimento Central de Transporte do Exército, na zona norte carioca, quando 11 armas foram roubadas por invasores]?

Ninguém foi morto, algumas pessoas foram maltratadas. Uma jornalista ligou para a minha casa e a primeira coisa que ela me falou: "Eu acho que o Rio de Janeiro deveria ser lacrado". Aí acontece isso em São Paulo.

Folha - Por que acontece?

Zaluar - Sempre dizem, em São Paulo, que o problema é todo aqui [no Rio]. Meus colegas nunca fizeram um estudo aprofundado do crime organizado em São Paulo. Agora está provado: [o crime em São Paulo] é muito mais centralizado, muito mais bem coordenado e tem uma retórica política por trás disso.

Folha - Qual a retórica?

Zaluar - Você vai ver. Vai aparecer manifesto daqui a pouco. Isso ninguém está percebendo. Hoje eu fiquei pensando. Minha Nossa Senhora, isso é óbvio. Por causa do tráfico de armas e do tráfico de drogas, que é disso que se trata, embora o espectro do crime organizado no Brasil hoje seja amplíssimo: lixo, transporte, café, arroz, contrabando de tudo o que se possa imaginar. Mas o tráfico de drogas e de armas tornaram-se violentíssimos. Isso tem feito com que a retórica política de grupos de extrema esquerda da Colômbia, da Bolívia, do Peru etc. estejam contaminando esse pessoal que começou a agir nessas redes, que não são só interestaduais mas internacionais ou transnacionais, transestaduais e transnacionais.

Aí fica essa disputa ridícula para saber qual é a cidade mais violenta do Brasil. Francamente, o que me importa se é Vitória, se é Recife, se é Rio de Janeiro, se é São Paulo?

Isso não importa. Importa é que a gente está numa situação gravíssima neste país. Eu estou muito preocupada.

Folha - O que a senhora quis dizer quando falou que seus colegas em São Paulo não estudam o crime organizado?

Zaluar - Acho que está fazendo falta um estudo aprofundado do crime organizado, especialmente aquele que é dirigido desde a prisão.

Porque a idéia que se tem é que isso só acontece no Rio de Janeiro, e não é assim. Isso acontece no Brasil inteiro.

Está provado agora que ele é muito mais bem coordenado em São Paulo do que no Rio. No Rio, ele consegue botar uma bombinha caseira lá em Copacabana [zona sul], metralhar uns vidrinhos na prefeitura, e foi só. Às vezes, você tem ações localizadas em bairros, eles fecham os bairros, algum comércio em um ou outro bairro. Mas nunca assim tão bem coordenado. Nunca conseguiram. Isso é que assustador, muito assustador. E não é só para São Paulo, não. É para o Brasil inteiro.

Folha - A senhora arriscaria uma previsão de o que pode ainda ocorrer?

Zaluar - Essas coisas são contagiantes. Agora, vão querer fazer o mesmo em outros Estados.

Folha - A senhora poderia comentar um pouco mais a questão da retórica política?

Zaluar - Sempre fiquei impressionada com a coincidência das posições. Lendo coisas sobre a Colômbia, me espanta o uso dos mesmos termos. "Não nasci para semente." Eles também falam muito isso, várias coisas.

Folha - Seria, talvez, a transformação de facções essencialmente criminosas em agrupamentos movidos também por ideologia?

Zaluar - Esse ataque radical, geral e vago ao sistema, como se eles estivessem fora do sistema... O tráfico de drogas é um sistema capitalista, o mais selvagem que se tem notícia, porque não tem nenhum limite institucional e moral. O resto do sistema capitalista está sujeito a leis, a regras, a restrições de várias ordens. É claro que tem ilegalidade também [no capitalismo]. O caixa dois é um deles. Mas no tráfico de drogas não tem nem caixa dois porque não tem caixa um.

Eles influem, sim, nas eleições. Influem, sim. Eles dão dinheiro para político, sim. Eu fico sabendo nas favelas que a gente estuda.

Folha - O que pode ser feito, na sua opinião?

Zaluar - A situação é muito grave, acho que é preciso pensar. Como eles conseguiram essas granadas? Granada não é de uso exclusivo das Forças Armadas? As Forças Armadas brasileiras têm que fazer um balanço. O que está acontecendo com seus depósitos?

Porque desde 1980 eu ouço aqui no Rio de Janeiro menções a armas exclusivas das Forças Armadas na mão de bandidos. Ouço menções a facilidades com que se furta e rouba. Não só nas Forças Armadas, nas polícias também. Os policiais chegam lá [nas favelas] oferecendo armas para bandidos.

Isso tudo tem que ter mais controle. A polícia tem que ser mais investigativa nesse sentido. Para a gente ter um conhecimento maior de como essas coisas operam. E ganhar os jovens nas idéias.

Não vamos deixar que essas idéias, que essa ideologia... Que no meu entender é atrasadíssima, é antidemocrática, uma esquerda que já mostrou que deu errado em vários países da América Latina. Como é que vamos deixar a nossa juventude ser conquistada por isso?

Folha - Como?

Zaluar - Não pode. Batalhar também nessa área cultural, da ideologia. E não ficar só repetindo, ah! coitadinhos, são pobrezinhos, a desigualdade brasileira.

Tem desigualdade, tem. Tem pobreza, tem.

Mas então vamos fazer alguma coisa para não deixar esses pobres coitados morrerem feito moscas

nessa tragédia que é a violência urbana no Brasil.

Isso é muito triste. O Brasil está num ponto de sua história nacional tristíssimo, tristíssimo. E o exemplo tem que vir de cima.

Entrevista de Loic Wacquant, sociólogo francês, à Folha de S. Paulo, 15/05/2006, Cotidiano, C15.

Ataques como os do fim de semana devem ocorrer de novo e só podem ser evitados se as elites políticas brasileiras e o governo do país contra-atacarem no campo social, não no criminal. Polêmica, essa é a opinião de um especialista no assunto: Loic Wacquant, 46, professor de sociologia da Universidade da Califórnia em Berkeley e pesquisador do Centro de Sociologia Européia em Paris.

Francês, ganhador do prêmio da Fundação MacArthur, o "prêmio dos gênios", ele estudou no Brasil as desigualdades sociais, o sistema carcerário e o judicial, visitas que renderam livros como "As Prisões da Miséria" (Jorge Zahar, 2001), "Punir os Pobres - A Nova Gestão da Miséria nos EUA" (Freitas Bastos Editora, 2001) e "As Duas Faces do Gueto" (sai em setembro pela Boitempo Editorial).

A seguir, os principais trechos da entrevista à **Folha**:

Folha - Por que a situação em São Paulo chegou a esse ponto?

Loic Wacquant - Porque nas últimas décadas as elites políticas brasileiras têm usado o estado penal --polícia, tribunais e sistema judiciário-- como o único instrumento não só de controle da criminalidade como de distribuição de renda e fim da pobreza urbana.

Expandir esse estado não fará nada para acabar com as causas do crime, especialmente quando o próprio governo não respeita as leis pelas quais deve zelar: a polícia de São Paulo mata mais que as polícias de todos os países da Europa juntos, e com uma quase impunidade. Os tribunais agem sabidamente com preconceito de classe e raça. E o sistema prisional é um "campo de concentração" dos muito pobres. Como você pode esperar que esse trio calamitoso ajude a estabelecer a "justiça"?

A manutenção do que chamo de estado penal só faz com que a violência institucionalizada alimente a violência criminosa e faça com que as pessoas tenham medo da polícia. Cria um vácuo que o crime organizado sabe muito bem preencher. Isso permite a eles que cresçam e sejam tão poderosos e ousados a ponto de desafiar abertamente o Estado e seu monopólio do uso da violência.

Folha - O sr. acha que os ataques acontecerão de novo?

Wacquant - Sim, pode-se prever que acontecerão de novo e de novo, pelo menos enquanto as elites políticas se recusarem a encarar de frente as desigualdades vertiginosas. Nenhuma sociedade democrática na face da Terra pode combater o crime apenas com seu aparato policial-judiciário.

Quais os remédios? Os de sempre: educação, emprego, seguro para os desempregados e uma rede social para os mais pobres. O Brasil paga com violência criminal sua recusa injustificável de encarar sua desigualdade social.

Folha - Uma política de "tolerância zero", a la Rudolph Giuliani quando prefeito de Nova York, poderia ajudar a resolver o problema?

Wacquant - Seria um erro duplo. Primeiro porque a queda espetacular do crime em Nova York não

teve nada a ver com a política de "tolerância zero" de Giuliani, já estava em curso quando o prefeito apareceu na cena e acontecia em outras cidades norte-americanas e mesmo canadenses, em lugares que não aplicaram tal política. Segundo porque, no Brasil, aumentar o poder da polícia equivale a restabelecer a ditadura sobre os pobres e a destruir ainda mais as bases democráticas do Estado.

Folha - E a pena de morte?

Wacquant - Nunca teve efeito definitivo em crimes violentos em nenhum país, por que haveria de ter no Brasil? Por que bandidos profissionais, que estão na indústria da violência, temeriam a morte quando eles a vêem diariamente ao redor deles, quando eles matam e são mortos rotineiramente?

Folha - O sr. esteve no Brasil algumas vezes. Teve medo?

Wacquant - Estive sete vezes na última década. Percebi uma mudança significativa ao longo desse período, com o medo da violência crescendo e se espalhando. Se as elites não se movimentarem, esse medo jogará o país em um ciclo vicioso e mortal.

O presidente Lula declarou em Viena, no último fim de semana, que a causa da violência é a falta de programas sociais. Ele está certo, mas são só palavras. Agora, nós precisamos ver as ações, e elas estão no campo social, não no campo criminal.

Thiago Tiganá da Silva Teixeira.